

Ecós

Boletim Informativo

Dia 16 de outubro, 150 países celebram o Dia da Alimentação, discutindo o problema da fome e do acesso aos alimentos, bem como as questões relacionadas à saúde proporcionada ou prejudicada pela dieta alimentar.

As mudanças climáticas geradas pelo aquecimento global trouxeram mais um elemento para essa discussão já com tantas interfaces.

Com este boletim, esperamos levar para os consumidores e consumidoras urbanos informações que favoreçam suas escolhas pelo melhor, todos os dias.

Boletim editado por

**Centro Ecológico
Núcleo Litoral Norte**

51 3646 2220

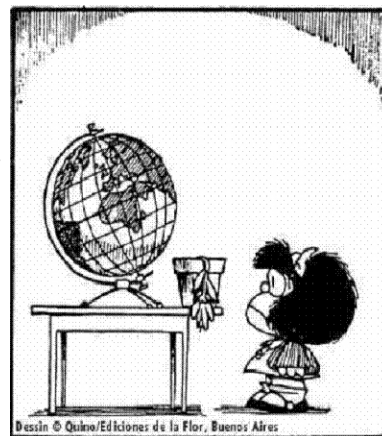


www.centroecologico.org.br

Sobre agricultura ecológica e aquecimento global, novo, velho, uréia e cavalos

Laércio Meirelles

O aquecimento global é o problema da hora. Criado por poucos, sentido por todos, existe uma clara intenção de falsear a verdade, socializando responsabilidades. Como saída, a perversa lógica de gerar problemas para vender soluções segue sendo priorizada. Buscar novos – e vendáveis – combustíveis sim, aumentar eficiência e diminuir necessidades, não. Consumir menos? Nem falar.



Na agricultura essa perversa lógica encontrou um campo fértil. Ali, a tônica dos últimos séculos foi a substituição de “velhas” técnicas de produção que priorizavam os recursos locais por outras, mais “modernas”, baseadas em insumos industriais. Muitas destas substituições significaram, e significam, menos seqüestro e mais emissão de gases que provocam o efeito estufa. Cavalos por tratores, leguminosas por uréia, consórcio e rotações por praguicidas. Neste mesmo período se amplia a transformação dos produtos agrícolas, assim como os quilômetros percorridos até o consumo. Gasta-se mais energia, emitem-se mais gases.

Já há algumas décadas a Agricultura Ecológica busca reescrever esta história, deixando o “moderno” ultrapassado e fazendo do “velho” a novidade. Simples na sua prática, sofisticada no seu desejo de explicá-la, a mescla de saberes ancestrais e conhecimentos contemporâneos vem funcionando em inúmeros rincões latino-americanos. Evitando emissões da fabricação e distribuição dos arsenais militares travestidos de insumos agrícolas, mantém os ciclos de nutrientes mais próximos aos ciclos naturais e emite menos gases que fazem do planeta uma grande estufa.



Mesmo o objetivo que foi alcançado, o aumento da produção, não solucionou o problema, a fome.



Cultivos ecológicos podem sim, alimentar uma crescente população com produtos de alta qualidade e que preservam os recursos ambientais.

Além disto, gera condições para que homens e mulheres permaneçam no campo, pressiona menos os recursos naturais, produz alimentos e fibras de qualidade. De passagem esfria o planeta, utilizando a feliz expressão de Via Campesina.

Se a saída para o aquecimento global exige novas alternativas de energia, e o sol deve ser uma das principais fontes a serem adotadas, nada mais lógico que buscar uma produção agrícola que tenha como matriz energética o sol. Trocando insumos industriais baseados no petróleo por insumos naturais baseados na fotossíntese - uréia por leguminosas, praguicidas por consórcios e rotações,...

Fazer agricultura esfriando o planeta não é uma tarefa estritamente agrônômica. Faz-se necessária uma olhada em todo o sistema agro-alimentar. Promover os produtos locais e o comércio local, por motivos óbvios, é também condição indispensável para isto. O conceito de "food miles" é antigo e hoje sabemos que para um consumidor europeu consumir um quilo de morangos do Sul do Brasil, no outono, 13 kg de Co2 são emitidos apenas no trajeto interoceânico.

O exemplo da agricultura é emblemático e poderia servir de referência sobre o *modus operandi* da sociedade contemporânea.

Problema identificado, a fome. A pseudo busca de soluções começa pelo aumento da produção mundial de alimentos. Para isto, a partir de problemas técnicos reais, falsas necessidades foram criadas. Soluções vendidas. Uma revolução proposta. Efeitos colaterais, sociais e ambientais, ignorados. Mesmo o objetivo que foi alcançado, o aumento da produção, não solucionou o problema, a fome.

Estes fatos se tornam comuns, agora que a política está descolada da ética e submetida à economia, as pessoas são consumidores e a vida virou mercadoria. Reverter isto depende da mesma equação que se demonstrou exitosa na agricultura: fazer do velho o moderno, mesclando passado e futuro, recriando o agora.

Ainda que o discurso oficial insista "que cada um deve fazer sua parte" para mitigar o problema, "fazer sua parte", para camponeses, agricultores familiares, trabalhadores rurais, povos indígenas e populações tradicionais, significa seguir fazendo o que fizeram através dos séculos, mantendo e defendendo os modos de produção agrícola, e de vida, que eles mantêm e defendem desde sempre. Aos outros, lhes toca seguir o exemplo, reencontrar seu caminho.

Laércio Meirelles é engenheiro agrônomo, coordenador do Centro Ecológico.

Relações perigosas: petróleo, aquecimento global, agrocombustíveis, alta dos alimentos e fome

► As máquinas, fertilizantes e agrotóxicos usados na agricultura convencional dependem do petróleo, que subiu 96% no período de um ano. Essa alta transformou os agrocombustíveis em uma “saída” para a futura crise energética.

► Os agrocombustíveis são produzidos a partir de vegetais como girassol ou grãos como soja e milho. No Brasil o etanol é feito a partir da cana-de-açúcar, o que tem gerado bastante polêmica em função das condições de trabalho nos canaviais e também devido à ameaça de que mais florestas —especialmente a Amazônica - sejam desmatadas para dar lugar a monoculturas de cana.

► Nos Estados Unidos, o FMI acredita que a produção do etanol é responsável por metade da demanda de milho nos últimos três anos. Essa forte demanda ajuda a elevar os preços dos alimentos, à medida em que a indústria da produção de carne precisa de rações produzidas a partir do milho.

► Em relação ao petróleo, há a questão do transporte dos alimentos: quanto maior a distância a ser percorrida entre o produtor e o consumidor, maior a quantidade de combustível utilizada e mais gases de efeito estufa são gerados.

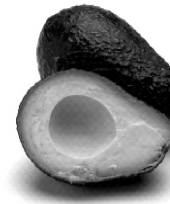
► As condições climáticas como secas e enchentes também afetam o cultivo e colheita dos alimentos, contribuindo para a elevação dos preços.

► No final de tudo isso, encontramos o capital financeiro jogando com as *commodities* produzidas pelas monoculturas principalmente nos países sobre os quais se diz que estão *em desenvolvimento*.

Mais carne, menos floresta

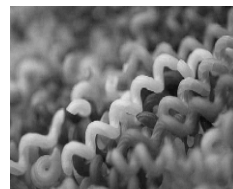
Sendo o principal produto de exportação do Brasil, a carne incentiva a derrubada da Floresta Amazônica. Nos últimos dez anos o rebanho da floresta aumentou 173%. Cerca de 78% do que foi desmatado na região Norte do país virou pasto. Os supermercados e frigoríficos dizem que se esforçam para vender um boi legal, mas na prática, a fiscalização é quase inexistente.

Fonte: Revista Época, 18/08/2008.



Frutas como abacate podem crescer pertinho de você. Fornecem gorduras boas e não geram resíduos que a natureza não possa reaproveitar.

A temperatura da Terra aumenta à medida que a população global consome e desmata mais.



Escolha consumir o que vem de perto e é produzido de forma sustentável.

AS ÚLTIMAS

Preocupação sim, ação não. Pesquisa realizada pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), do Rio de Janeiro, mostra unanimidade em torno da importância das mudanças climáticas. Porém ninguém parece disposto a agir para contribuir com a redução da emissão de gases de efeito estufa. Para as 210 lideranças das áreas da mídia, Congresso Nacional, ONGs e iniciativa privada ouvidas neste levantamento, é o governo federal que deve agir e avançar no tema. A pesquisa qualitativa contou com financiamento da Embaixada Britânica no Brasil. A tabulação das respostas dos políticos mostra um certo desconhecimento da classe sobre o tema das mudanças climáticas. A iniciativa privada aguarda um posicionamento do governo federal para começar a reduzir suas emissões. Os empresários querem saber quanto tempo terão para se adequar a uma política nacional de mudanças climáticas.

Em 2008 o gelo marinho no Ártico atingiu sua segunda menor extensão já registrada: 4,52 milhões de quilômetros quadrados. Mesmo sendo 9,4% maior que o recorde de degelo de todos os tempos, o de 2007, isso indica uma forte tendência de declínio da cobertura de gelo. Outro fato preocupante foi que neste ano – pela primeira vez – tornou-se possível circunavegar o Ártico. Tanto a passagem entre a Europa e a Ásia via Canadá quanto a passagem pela costa siberiana se abriram. O que estes números significam? Que em breve podemos ter um Pólo Norte sem gelo no verão. O gelo ártico é um fator de regulação do clima global. Os cientistas atribuem o degelo ao aquecimento global. É mais uma indicação de que estamos chegando ao ponto em que teremos o gelo marinho completamente derretido, nas próximas décadas ou talvez antes.

Fonte: Folha de S. Paulo

Compre alimentos que esfriam o planeta

Feiras Ecológicas e Cooperativas do Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida de Agroecologia

Banca do Grupo de Mulheres Ecologistas do Morro do Forno -
Morrinhos do Sul (RS) - sextas à tarde

Feira Ecológica Lagoa do Violão - Torres (RS) - sábados das 7h às
12h no estacionamento do ginásio

Coopet - Três Cachoeiras (RS) - José Rolim de Matos -
fone 51 3667 - 2847

EcoTorres - Torres (RS) - José Bonifácio 107 - fone 51 3664 - 5375

Viver Mais Alimentos Saudáveis - Araranguá (SC) - XV de
Novembro 1795 - fone 48 3522 - 0644

Apoio:

www.kerkinactie.nl